

## Apresentação

**Abreu Castelo Vieira dos Paxe<sup>1</sup>**

**Carmen Lucia Tindó Secco<sup>2</sup>**

**Marcia dos Santos Machado Vieira<sup>2</sup>**

**Pâmela Fagundes Travassos<sup>2,3</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda. Luanda, Angola.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>3</sup>Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mails: abreupaxe@gmail.com; carmen.tindo@letras.ufrj.br;  
marcia@letras.ufrj.br; fagundespamela@letras.ufrj.br

Nosso interesse, nesta edição da revista *Diadorim*, é o estudo, no domínio das Letras, da forma, das vozes e das escritas como lugares de aprofundamento, cada vez maior, de discussões sobre o trânsito natureza-corpo-cultura – arquipélago mestiço em contínua rotação de materiais em vaivém, em zigue-zague das(nas) vozes, oralidades e da(na) escrita, a partir dos espaços do Sul Global e da Península Ibérica.

Nessas paisagens, a natureza e a cultura, por via de artefatos gerados lenta, contínua e prolongadamente, configuram-se, nos sistemas culturais em que se inscrevem, como práticas de multiplicidade de representações e repertórios conexos, que nos obrigam a pensar na necessidade de modificar os modos de conhecimento sobre elas nos estudos em Ciência e Tecnologia, em Ciências Humanas, Sociais e da Natureza. Por isso, pensamos “numa Tecnologia do Pensamento em Humanidades”, voltada para as Letras, sempre partindo de:

- a. lugares sob o esteio do barroco-mestiço, em que os termos das tecnologias e ciências importados sejam traduzidos e readaptados para um processo de inclusão contínua, sempre entrelaçados com a paisagem e as linguagens;

### Editora-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

### Como citar:

PAXE, Abreu Castelo  
Vieira dos; SECCO, Carmen  
Lucia Tindó; MACHADO  
VIEIRA, Marcia dos Santos;  
TRAVASSOS, Pâmela  
Fagundes. Apresentação.  
*Revista Diadorim*, v.26,  
n.2, e67363, 2024. doi:  
[https://doi.org/10.35520/  
diadorim.2024.  
v26n2a67363pt](https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a67363pt)

- b. estudos sobre as línguas e as literaturas nas formas como se manifestam no Sul Global, na Península Ibérica e na Europa, de que são exemplos os artigos reunidos no dossiê desta revista, registrando saberes com múltiplos pontos de vista desde as línguas, as artes e as criações cotidianas, cujos sentidos se voltam a diversificadas pertencas originárias de vozes da natureza, da cultura, dos corpos e das produções textuais.

Portanto, abordar a literatura e o ensino de língua, hoje, é ir para além das discussões disciplinares e mesmo interdisciplinares e transdisciplinares, porque estas se situam em um espaço mais amplo que permite comparações e diálogos profícuos. Por essa razão, priorizamos um processo de interação com setores cognitivos “abandonados”, ou seja, com camadas sociais periféricas, propiciando, assim, possibilidades de alargar aos poucos as propostas de discussões acerca de problemas de ordem técnica, econômica e sociocultural para que novos currículos possam abarcar uma pluralidade de atores sociais a serviço de conhecimentos os mais diversos, produtivos e criativos, representativos de múltiplos estratos socioculturais de paisagens do Sul Global.

A hegemonia ocidental ditou suas regras em inúmeros âmbitos do saber, e até a sabedoria ancestral de povos da Europa foi severamente castigada, pois tais populações foram consideradas atrasadas, bárbaras, selvagens... Importa, por isso, praticar a crítica à temática das mentes colonizadas por uma educação patriarcal e opressora, questionando a colonialidade do gênero, do poder, do ser e do saber ainda presentes em muitas sociedades. Ou ainda, discutir o conceito de “nacional”, tendo em vista a Conferência de Berlim ter traçado fronteiras arbitrárias na África, reunindo, em uma mesma nação, etnias e reinos africanos, cujos poderes, culturas e saberes eram diversos, mas foram ignorados.

Cientes desses processos opressores, julgamos necessário desenvolver um pensamento crítico, tendo em conta a literatura como linguagem política capaz de produzir uma escrita alternativa da história dos povos oprimidos, lembrando que estudos da língua e literários podem chamar atenção para aspectos de vulnerabilidade social, tais como a experiência existencial de elementos migrantes, o deslocamento para outros contextos sociais e culturais, os novos desvios de fragilização social diante da rigidez de fenômenos que constituem desafios aos saberes.

Analisando a circulação cultural de provérbios, no caso da intensificação nas línguas portuguesa e *umbundu* (elementos das oralidades, da voz e da escrita), percebemos que tal prática colabora para valorização da diversidade linguística e cultural. Prestando atenção ao que revelaram nossas pesquisas sobre o *sona* (provérbio, desenho, escrita), observamos que essa prática discursiva, rítmica e oral se realiza por intermédio do corpo (voz), das oralidades e da escrita, manifestando-se como um texto alegre e lúdico ou como expressão de atrevimento de um olhar de impertinência e ousadia

que, situado nas antípodas da forma como o setor cognitivo, científico e filosófico ocidental (“centro europeu”) se relacionou “com as oralidades” culturais dos povos africanos, entre os quais os *umbundos* e outros de Angola, evidencia discriminações linguísticas praticadas pelo poder colonial.

Procurando recuperar tradições orais por meio de ritos, provérbios, adivinhas, a literatura contribui, assim, para manutenção da memória de povos oprimidos pelo colonialismo, revisitando o passado e dando voz a tantos homens e mulheres africanos silenciados, que, pela escrita, podem ter sua história recontada. É importante ressaltar o entrelaçamento entre escrita e oralidade manifestados nos artigos do dossiê da revista, em que se verifica o trânsito de elementos das oralidades, no plano das vozes, sendo encenados pela escrita literária, o que nos leva a atentar para relações da literatura com rituais, religiosidades, mitos, filosofias populares, tais como a umbanda, o candomblé, as encantarias, o jongo, a capoeira, o samba, as festas de rua, entre outras manifestações culturais de matriz africana.

Por isso, acreditamos que o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1989), de José Pedro Machado<sup>1</sup>, constitui, entre outras, importante base teórica para alguns dos artigos apresentados no dossiê, desde o estudo dos sentidos provocados pela voz, pelos sons das florestas e dos animais, pelas oralidades até os entrelaçamentos verificados entre música, canção, literatura, poesia, conto, pois o mencionado filólogo se refere ao termo “literatura” como uma disciplina que, além de significar “sinal, carácter de escrita, caligrafia da pessoa”, aparece também, em escritas do século XIV, com o sentido de palavra dita oralmente: “[...] *entam leeu as letras, que ambos ouvivom*” (Machado, 1989, p. 409).

Dentre os textos selecionados para publicação nesta edição de *Diadorim*, várias literaturas são contempladas: a brasileira, a portuguesa, a afro-brasileira, as africanas (de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Zimbábue), franco-cubana. Há também incursões acerca de questões linguísticas, havendo alguns textos que convergem para a discussão sobre práticas das oralidades e da escrita, evidenciando entrelaces entre músicas e ritos de iniciação como, por exemplo, a mucanda, ritual de passagem masculino.

O texto que abre o dossiê, intitulado “Jogos Sonoros no Barroco Brasileiro”, de Francisco Topa, enfatiza em sua abordagem o aspecto sonoro do barroco brasileiro, explorando em especial as rimas. Analisando textos de poetas barrocos do Brasil e da América Latina, o autor do artigo conclui haver uma espécie de luta entre o oral e o escrito, os poemas parecem concebidos para a oralidade e, portanto, para a recitação e a escuta coletivas, tendo, assim, uma clara dimensão performativa; por outro lado,

---

<sup>1</sup> MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989, 3º vol. F-L, entrada Letra, s. do Latim *littera*, col. 2, p. 409.

detecta uma espécie de luta contra o sentido, que acaba diluído – ou pela repetição ou pela insistência em sons estranhos.

O ensaio seguinte, “Imaginando e Traduzindo o Som do Rugido da Onça: Reflexões sobre um Romance de Micheline Verunschik”, de Caio Ricardo Bona Moreira, pensando a língua literária como um lugar de resistência, propõe uma leitura do romance de Verunschik, que revisita o episódio das duas crianças indígenas que foram levadas do Brasil para a Europa, no início do século XIX, pela expedição dos naturalistas alemães Spix e Martius. Pelo viés imaginativo, a narrativa de *O Som do Rugido da Onça* devolve protagonismo àqueles que foram discriminados pela história oficial.

O terceiro artigo, “Nascidos do estupro: a noção de nacional-ocidentalização em *As Doenças do Brasil*, de Valter Hugo Mãe e em *Iracema*”, da autoria de José de Alencar, de João Pedro da Cunha de Almeida, oferece uma perspectiva sobre as tentativas de ocidentalizar o personagem Honra, em *As Doenças do Brasil* (2021) e a personagem Iracema, que dá título ao romance de José de Alencar (1865), sendo ambos marcados pela memória e vivência do trauma colonial.

O quarto ensaio, “Literatura e macumba: Luiz Antonio Simas em sete encruzilhadas”, de Igor Fagundes, examina a obra de Luiz Antonio Simas, escritor que ocupa um lugar singular no cenário da literatura brasileira contemporânea, pois estabelece relações com as macumbas, especialmente no que diz respeito às definições políticas e brincantes que o autor propõe como “ciências encantadas” ou, segundo Rafael Haddock-Lobo, como “filosofias populares brasileiras”.

Na sequência, o artigo “*Canção para Ninar Menino Grande: A Colonialidade da Mente em Questão*”, de Nismária Alves David e Jane Adriane Gandra, apresenta uma leitura do livro *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, relacionada à temática da colonialidade das mentes que se materializa por meio da configuração da personagem masculina, herdeira de uma educação patriarcal e exposta a uma virilidade opressora.

O sexto ensaio, “O Protagonismo do Corpo Negro na Performance de Luz Ribeiro e Gabz”, de Marília Bueno, aborda a tradição da poesia oral que resiste em alguns centros urbanos brasileiros, nos *poetry slams*, ou seja, nas batalhas de poesia falada que têm sido tomadas por autoras negras que, assumindo uma postura decolonial, as usam para afirmação do corpo negro.

O ensaio seguinte, “À Procura da Flor em Carlos Drummond de Andrade e Luís Carlos Patraquim”, de Gabriel Dottling Dias, estabelece uma relação de intertextualidade entre Carlos Drummond de Andrade e Luís Carlos Patraquim a partir da imagem da flor e do modo como esta é representada em alguns poemas dos dois autores.

O oitavo artigo, “Um Estudo Comparativo entre Formas de Intensificação no Umbundu e no Português”, de Déborah Ribeiro de Alvarenga, se volta para o estudo do processo de intensificação em provérbios da língua umbundo, falada em Angola, comparando as estratégias utilizadas com as empregadas no português. Os provérbios foram escolhidos como fonte de dados por sua importância cultural e linguística, refletindo valores e visões de mundo de suas respectivas comunidades.

O nono ensaio, “A Recriação da Oralidade no Romance *A Louca de Serrano*, de Dina Salústio”, de Francisca Patrícia Pompeu Brasil, analisa *A Louca de Serrano* (1998), de Dina Salústio, primeiro romance de autoria feminina em Cabo Verde, identificando e interpretando as estratégias enunciativas usadas pela autora para reinventar e encenar a oralidade em sua escrita.

O artigo seguinte, “‘*Monangambé*’ e ‘*Construção*’: Referenciando e Objetificando o Trabalho Humano”, de Luiza Guimarães Lanes, estabelece um diálogo entre o poema “Monangamba”, do poeta angolano António Jacinto, e a música “Construção”, do compositor brasileiro Chico Buarque, analisando os dois textos sob a ótica da referência.

Na sequência, o décimo primeiro texto, “Interdiscursividade e Oralidade entre os Contos ‘A Menina que Não Falava’, Literatura Popular Moçambicana, e ‘A Menina Sem Palavra’, de Mia Couto”, da autoria de Perla Araújo dos Santos, se volta para a Literatura Moçambicana, tendo como ponto de partida os conceitos de “interdiscursividade” e “oralidade” que serão definidos e investigados a partir da análise dos contos mencionados no título do referido ensaio.

O décimo segundo ensaio, “Figurações da Vulnerabilidade Social em *We Need New Names*, de Noviolet Bulawayo”, de Lara Portella da Silva, versa sobre a vulnerabilidade social que caracteriza a experiência existencial de muitos imigrantes. Com base no referido romance de NoViolet Bulawayo, o artigo reflete, criticamente, sobre o percurso migratório da protagonista Darling, menina zimbabuense, para os Estados Unidos, analisando diferentes formas de vulnerabilidade social presentes nos dois contextos vivenciados pela personagem.

O artigo seguinte, “José-Maria de Heredia e a Consagração de um Poeta *Créole* Latino-americano no Campo Literário Francês do Final do Século XIX”, da autoria de Nicolas Alves Henriques, analisa, apoiado teoricamente em Bourdieu, Mary Louise Pratt e Cornejo Polar, a trajetória do poeta franco-cubano José-Maria de Heredia rumo à consagração, considerando, para tanto, sua condição de autor *créole*.

Encerrando o dossiê, o décimo quarto ensaio, “Manuela Margarido e Conceição Lima: Insularidade e Intertextualidade Pós-Coloniais”, de Jéssica Falconi, analisa, comparativamente, um conjunto de poemas de Manuela Margarido e Conceição Lima, com base em sugestões e pistas críticas traçadas pela estudiosa de literatura Inocência Mata. A leitura proposta pela autora do artigo se estrutura com base na

leitura de textos produzidos por três mulheres são-tomenses: as poetas Manuela Margarido e Conceição Limam e a crítica literária Inocência Mata. Os olhares da poesia e da crítica se enlaçam e aprofundam considerações acerca de São Tomé e Príncipe, país africano formado por duas ilhas principais e algumas outras ilhotas, cuja literatura possui obras de qualidade.

Em suma, os quatorze artigos do dossiê desenvolvem reflexões em torno do que entendemos por traduções literárias a partir do modo como estas se configuram por meio do corpo expresso por textualidades, oralidades e escritas tecidas, no âmbito cultural, por relatos barroco-mestiços que se entremostam como encenações da linguagem, no caso dos sons, das vozes, dos gestos, dos grafismos e como historicidades nas práticas e nas representações da sociedade, permitindo que abordemos, sob a forma de questionamentos, os sistemas de comunicações na atualidade, realizando um percurso em vaivém e em zigue-zague, nos quais se diluem discursos que opõem o “tradicional” ao “moderno”, contemplando a contribuição dos *bantu* (pela presença de línguas africanas, entre as quais o *kimbundo*, o *umbundo*, etc) na língua portuguesa e, sobretudo, a noção expandida de literatura.

Os Organizadores